

## *Os Trabalhadores do Mar*

---

Texto-fonte:  
*Os Trabalhadores do Mar*, Victor Hugo,  
São Paulo: Editora Nova Cultural, 2002.

Publicado originalmente como *Os Trabalhadores do Mar*, de Victor Hugo. Tradução de Machado de Assis,  
Rio de Janeiro: Tipografia Perseverança, 1866.

### **ÍNDICE**

[DEDICATÓRIA](#)

[PRÓLOGO](#)

[PRIMEIRA PARTE](#)

[LIVRO PRIMEIRO](#)

[CAPÍTULO PRIMEIRO](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[LIVRO SEGUNDO](#)

[CAPÍTULO PRIMEIRO](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[LIVRO TERCEIRO](#)

[CAPÍTULO PRIMEIRO](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[CAPÍTULO IX](#)

[CAPÍTULO X](#)

[CAPÍTULO XI](#)

[CAPÍTULO XII](#)

[CAPÍTULO XIII](#)

[LIVRO QUARTO](#)

[CAPÍTULO PRIMEIRO](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[LIVRO QUINTO](#)

[CAPÍTULO PRIMEIRO](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[CAPÍTULO IX](#)

[LIVRO SEXTO](#)

CAPÍTULO PRIMEIRO

CAPÍTULO II

CAPÍTULO III

CAPÍTULO IV

CAPÍTULO V

CAPÍTULO VI

CAPÍTULO VII

LIVRO SÉTIMO

CAPÍTULO PRIMEIRO

CAPÍTULO II

CAPÍTULO III

SEGUNDA PARTE

LIVRO PRIMEIRO

CAPÍTULO PRIMEIRO

CAPÍTULO II

CAPÍTULO III

CAPÍTULO IV

CAPÍTULO V

CAPÍTULO VI

CAPÍTULO VII

CAPÍTULO VIII

CAPÍTULO IX

CAPÍTULO X

CAPÍTULO XI

CAPÍTULO XII

CAPÍTULO XIII

LIVRO SEGUNDO

CAPÍTULO PRIMEIRO

CAPÍTULO II

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[CAPÍTULO IX](#)

[CAPÍTULO X](#)

[CAPÍTULO XI](#)

[LIVRO TERCEIRO](#)

[CAPÍTULO PRIMEIRO](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[LIVRO QUARTO](#)

[CAPÍTULO PRIMEIRO](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[TERCEIRA PARTE](#)

[LIVRO PRIMEIRO](#)

[CAPÍTULO PRIMEIRO](#)

[CAPÍTULO II](#)

[LIVRO SEGUNDO](#)

CAPÍTULO PRIMEIRO

CAPÍTULO II

LIVRO TERCEIRO

CAPÍTULO PRIMEIRO

CAPÍTULO II

CAPÍTULO III

CAPÍTULO IV

CAPÍTULO V

**DEDICATÓRIA**

Dedico este livro ao rochedo de hospitalidade e de liberdade, a este canto da velha Normandia onde vive o nobre e pequeno povo do mar, à ilha de Guernesey, severa e branda, meu atual asilo, meu provável túmulo.

V.H.

**PRÓLOGO**

A religião, a sociedade, a natureza: tais são as três lutas do homem. Estas três lutas são ao mesmo tempo as suas três necessidades; precisa crer, daí o tempo; precisa criar, daí a cidade; precisa viver, daí a charrua e o navio. Mas há três guerras nestas três soluções. Sai de todas a misteriosa dificuldade da vida. O homem tem de lutar com o obstáculo sob a forma superstição, sob a forma preconceito e sob a forma elemento. Tríplíce *ananke* pesa sobre nós, o *ananke* dos dogmas, o *ananke* das leis, o *ananke* das coisas. Na *Notre-Dame de Paris*, o autor denunciou o primeiro; nos *Miseráveis*, mostrou o segundo; neste livro indica o terceiro.

A estas três fatalidades que envolvem o homem, junta-se a fatalidade interior, o *ananke* supremo, o coração humano.

Hauteville-House, março de 1866.

**PRIMEIRA PARTE**  
**O SR. CLUBIN**

**LIVRO PRIMEIRO**  
**ELEMENTOS DE UMA MÁ REPUTAÇÃO**

**CAPÍTULO PRIMEIRO**

## **PALAVRA ESCRITA EM UMA PÁGINA BRANCA**

O *Christmas* (Natal) de 1822... foi notável em Guernesey. Caiu neve naquele dia. Nas ilhas da Mancha, inverno em que há neve é memorável; a neve é um acontecimento.

Naquela manhã de *Christmas* a estrada que orla o mar de Saint-Pierre-Port ao Vale assemelhava-se a um lençol branco: nevara desde a meia-noite até o romper do dia.

Pelas 9 horas, pouco depois de nascer o sol, como não era ainda ocasião de os anglicanos irem à Igreja de Saint-Sampson e os *wesleyanos* à Capela Eldad, o caminho estava quase deserto. Na parte da estrada compreendida entre a primeira volta e a segunda havia apenas três viandantes, um menino, um homem e uma mulher.

Estes três viandantes, caminhando separados uns dos outros, não tinham visivelmente relação alguma entre si. O menino, de cerca de oito anos, parara e olhava para a neve com curiosidade. O homem, seguindo atrás da mulher, uns cem passos, dirigia-se, como ela, para o lado de Saint-Sampson.

Era ele moço ainda e parecia ser operário ou marinheiro. Vestia as roupas ordinárias, isto é, uma grossa camisa de pano escuro e uma calça de pernas alcatroadas, o que parecia indicar que, apesar da festa, não iria à igreja. Os grossos sapatos de couro cru e solas tacheadas de ferro deixavam sobre a neve uma marca, que mais se assemelhava a uma fechadura de prisão que ao pé de um homem.

A viandante, essa evidentemente trajava roupa de ir à igreja; envolvia-se em uma comprida manta acolchoada de estofado de seda preta, debaixo da qual apertava-lhe faceiramente o corpo um vestido de fazenda da Irlanda com listras brancas e cor-de-rosa, e, se não fossem as meias vermelhas, tomá-la-iam por uma parisiense. Caminhava com desembaraço e viveza; e pelo andar, que mostrava não lhe ter ainda pesado a vida, conhecia-se que era moça. Tinha aquela graça fugitiva que indica a mais delicada transição, a adolescência, a mistura dos dois crepúsculos, o princípio de uma mulher e o fim de uma menina.

O homem não reparava nela.

De súbito, perto de uma moita de azinheiras, que forma o ângulo de uma horta rústica, no lugar denominado Basses Maisons, voltou-se a moça, e esse movimento chamou a atenção do homem.

Parou, pareceu reparar nele um instante, abaixou-se, e o homem julgou vê-la escrever com o dedo alguma coisa na neve. Levantou-se e pôs-se de novo a caminho com passo mais apressado, voltou-se ainda, mas desta vez rindo, e desapareceu pela esquerda, seguindo o carreiro guarnecido de sebes, que leva ao castelo de Lierre. O homem, quando ela se voltou pela segunda vez, reconheceu *Déruchette*, linda mocinha do lugar. Mas não sentia necessidade alguma de apressar o passo.

Alguns instantes depois estava junto à moita de azinheiras no ângulo da horta. Já não pensava na passageira, e é provável que, se nessa ocasião pulasse um golfinho no mar ou um cardeal nos arbustos, passaria com o olhar fixo no cardeal ou no golfinho. Casualmente, tinha os olhos baixos, e assim os levou maquinalmente ao lugar em que parara a menina. Dois pezinhos aí estavam impressos e ao lado deles a palavra escrita por ela: *Gilliatt*.

Era este o nome dele.

Chamava-se Gilliatt.

Ficou por muito tempo imóvel, contemplando o nome, os pezinhos, a neve; e depois continuou pensativo o seu caminho.

## **CAPÍTULO II** **O TUTU DA RUA**

Gilliatt residia na paróquia de Saint-Sampson, onde não era estimado, e havia razões para isso.

Em primeiro lugar, morava em uma casa *mal-assombrada*.

Acontece algumas vezes em Jersey e Guernesey, no campo e até na cidade, que, ao passar por um lugar deserto ou por uma rua muito habitada, vê-se uma casa cuja entrada está obstruída. O azevinho cresce à porta, as janelas do rés-do-chão estão fechadas por feios emplastos de tábuas pregadas; as dos andares superiores estão fechadas e abertas ao mesmo tempo: há ferrolhos, mas não há vidros. No pátio, se o há, alastra-se a erva e caem os muros; se há jardim, nascem a urtiga, o espinheiro, a cicuta; raros insetos esvoaçam. Racham-se as chaminés, o teto se abate; o que se vê dos quartos está arruinado, a madeira podre, a pedra carcomida; cai o papel das paredes. Podem-se estudar aí os antigos gostos do papel pintado, os grifos do Império, as sanefas em forma de crescente do Diretório, os balaústres e cipos de Luís XVI. A espessura das teias de aranha, cheias de moscas, indica a profunda tranqüilidade em que vivem aqueles insetos. Algumas vezes vê-se um púcaro quebrado sobre uma tábua.

É uma casa *mal-assombrada*. O diabo aparece lá durante a noite.

A casa, como o homem, pode tornar-se cadáver; basta que uma superstição a mate. Então é terrível.

Essas casas mortas não são raras nas ilhas da Mancha.

As populações campestres e marítimas não vivem tranqüilas a respeito do diabo. As da Mancha, arquipélago inglês e litoral francês, têm a respeito dele noções muito precisas. O diabo possui delegados por todo o mundo. É certo que Belphégor é embaixador do inferno na França, Hutgin na Itália, Belial na Turquia, Thamuz na Espanha, Martinet na Suíça e Mammon na Inglaterra. Satanás é um imperador, como um outro qualquer. Satanás César. A casa dele é muito bem servida: Dagon é o saquetário; Succor Benoth, chefe dos eunucos; Asmodeu, banqueiro dos jogos; Kobal, diretor de teatro; Verdelet, grão-mestre de cerimônias, e Nybbas, bobo. Wierus, homem de ciência, bom estrigólogo e demonógrafo distinto, chama Nybbas — *o grande parodista*.

Os pescadores normandos da Mancha precisam apreciar-se quando andam no mar, por causa das artes do diabo. Por muito tempo acreditou-se que São Maclou habitava o grande rochedo quadrado Ortach, situado ao largo entre Aurigny e Casquets, e muitos velhos marinheiros de outros tempos afirmavam tê-lo visto não poucas vezes sentado e lendo um livro. Por isso os marítimos, quando passavam, ajoelhavam-se muitas vezes diante do rochedo Ortach, até que um dia dissipou-se a fábula e esclareceu-se a verdade. Descobriu-se e sabe-se hoje que quem habita aquele rochedo não é um santo, mas sim um diabo, chamado Jochmus, que por muitos séculos teve a malícia de fazer-se passar por São Maclou. Demais, a própria Igreja cai em tais enganos. Os diabos Raguhel, Oribel e Tobiel foram santos, até que em 745 o Papa Zacarias, tendo-lhes tomado o faro,

deitou-os fora. Para fazer tais expulsões, que são muito úteis, é necessário ser muito conhecedor de diabos.

Conta a gente velha da terra, mas estes casos pertencem ao século passado, que a população católica do arquipélago normando estivera outrora, bem a seu pesar, mais em comunicação com o diabo do que a população huguenote. Ignoramos a razão, mas a verdade é que a minoria católica andou outrora muito incomodada por ele.

Afeiçoara-se aos católicos e procurava freqüentá-los, o que leva a crer que o diabo é antes católico que protestante.

Uma de suas mais insuportáveis liberdades era visitar a noite os leitos conjugais católicos, quando os maridos dormiam de todo, e as mulheres, a meio. Disto resultavam equívocos. Patouillet pensava que Voltaire nascera assim. Não é inverossímil. É caso perfeitamente conhecido e descrito nos formulários de exorcismo sob o título de *erroribus nocturnis et de semine diabolorum*.

O diabo fez violências destas especialmente em Saint-Héliér, em fins do século passado: é provável que para punição dos crimes da revolução. As conseqüências dos excessos revolucionários são incalculáveis. Fosse como fosse, essa aparição possível do demônio durante a noite, quando reina a escuridão e todos dormem, inquietava muitas mulheres ortodoxas. Dar nascimento a um Voltaire não é coisa agradável. Uma delas, assustada, foi consultar o confessor sobre a maneira de desfazer-se em tempo o qüiproquó.

O confessor respondeu: — Para saber se está com o diabo ou com seu marido, apalpe-lhe a cabeça e, se encontrar pontas, pode estar certa. — De quê? — perguntou a mulher.

A casa em que morava Gilliatt tinha sido mal-assombrada e já não era; portanto, tornava-se mais suspeita; é sabido que, quando um feiticeiro vem habitar uma casa visitada pelo diabo, este, julgando-a bem guardada, tem a delicadeza de não voltar, salvo o caso de ser chamado, como médico.

Chamava-se a casa O Tutu da Rua. Era situada na ponta de uma língua de terra, ou antes, de rochedo que formava uma pequena angra de bastante profundidade na enseada de Houmet Paradis. A casa estava sozinha nessa ponta, quase fora da ilha, tendo apenas a terra suficiente para um pequeno jardim, às vezes inundado por ocasião das marés altas.

Entre o porto de Saint-Sampson e a enseada de Houmet Paradis há uma grande colina, sobre a qual levanta-se um amontoado de torres e de hera chamado o Castelo do Vale ou do Arcanjo, de sorte que de Saint-Sampson não se via O Tutu da Rua.

Não são raros os feiticeiros em Guernesey. Exercem a profissão em certas paróquias, apesar de vivermos no século XIX. Praticam ações verdadeiramente criminosas. Fazem ferver ouro. Colhem ervas à meia-noite. Olham de través para o gado. Consultam-nos; eles mandam buscar em garrafas a *água dos doentes*, e dizem em voz baixa: *a água parece bem triste*. Afirmou um feiticeiro, em março de 1857, que na *água* de um doente havia sete diabos. São temidos e temíveis. Há pouco tempo um deles enfeitiçou um padeiro e mais o *forno*. Outro tem a perversidade de fechar e lacrar uma porção de sobrecartas, *sem haver nada dentro*. Outro chega ao ponto de ter em casa, em cima de uma tábua, três garrafas com um B em cada uma. Estes fatos monstruosos são conhecidos. Alguns feiticeiros são complacentes e, por 2 ou 3 guinéus, incumbem-se de sofrer as nossas moléstias. Rolam e gritam em cima da cama. Enquanto eles se estorcem, diz o doente: “E esta! já estou bom!” Outros curam todas as moléstias amarrando um lenço ao redor do corpo do doente. É um remédio tão simples que admira não



se ter ainda ninguém lembrado dele.

No século passado o tribunal real de Guernesey colocava-os sobre uma porção de achas de lenha e queimava-os vivos. Presentemente condena-os a oito semanas de prisão, quatro a pão e água e quatro no segredo, alternando. *Amant alterna catenoe.*

A última queima de feiticeiros em Guernesey foi em 1747, sendo teatro do espetáculo a praça de Bordage, que, de 1565 a 1700, viu queimarem-se onze feiticeiros. Em geral esses culpados confessavam seus crimes: eram para isso ajudados pela tortura.

A praça Bordage prestou serviços à sociedade e à religião. Queimaram-se aí os heréticos. No tempo de Maria Tudor, entre outros huguenotes, queimou-se uma mãe e duas filhas: a mãe chamava-se Perrotine Massy. Uma das filhas estava grávida e teve o sucesso sobre o braseiro.

A crônica diz: "Arrebentou-lhe o ventre". Saiu desse ventre um menino vivo; o recém-nascido rolou na fogueira, um tal House apanhou-o. O bailio, Hélier Grosselin, bom católico, mandou atirar a criança ao fogo.

### **CAPÍTULO III PARA TUA MULHER, QUANDO TE CASARES**

Voltemos a Gilliatt.

Contava-se na terra que uma mulher, tendo consigo um menino, viera em fins da revolução habitar Guernesey. Era inglesa, ou talvez francesa. O nome dela, qualquer que fosse, a pronúncia guernesiana e a ortografia dos camponeses transformaram em Gilliatt. Vivia sozinha com o menino, que, diziam uns, era seu sobrinho, outros, filho, outros, neto, e outros, coisa nenhuma. Possuía um dinheirinho, de que vivia pobremente. Comprara um pedaço de terra na Sergentée e outro em Roque-Crespel, perto de Rocquaine. A casa Tutu da Rua estava nesse tempo mal-assombrada. Havia mais de trinta anos que ninguém morava nela. Caía aos pedaços. O jardim, sempre inundado pelo mar, já nada produzia.

Além dos ruídos noturnos e das luzes, a casa era particularmente aterradora por isto: se à noite se deixava sobre a lareira um novelo de lã, agulhas e um prato cheio de sopa, no dia seguinte de manhã encontrava-se a sopa comida, o prato vazio e um par de luvas feito. Pôs-se à venda aquele pardieiro com o diabo que estava dentro, por algumas libras esterlinas. Aquela mulher comprou-o, evidentemente tentada pelo diabo. Ou pela barateza.

Fez mais do que comprá-lo, foi morar lá com o filho, e desde então a casa sossegou. "Esta casa achou o que queria", dizia a gente da terra. Cessaram as aparições. Já se não ouviam gritos ao romper do dia. Já não havia outra luz além do sebo acendido à noite pela boa mulher. Vela de feiticeira vale a tocha do diabo.

Esta explicação satisfez o público.

A mulher utilizava o quarto de jeira de terra que possuía. Tinha uma boa vaca, de cujo leite fazia manteiga. Colhia frutas e batatas Golden Drops. Vendia, como qualquer outra pessoa, ervas, cebolas e favas. Não costumava ir ao mercado vender a sua colheita; mandava-a por Guilbert Falliot. O registro de Falliot mostra que ele vendeu para ela, uma vez, 12 alqueires de *batatas* chamadas *de três meses, das mais temporãs*. Fizeram-se na casa apenas os reparos necessários para se poder habitar nela. Só chovia nos quartos quando fazia muito mau tempo.

Compunha-se de dois pavimentos, um rés-de-chão e um celeiro. No térreo havia três salas; dormia-se em duas, comia-se na terceira. Subia-se ao celeiro por uma escada. A mulher cozinhava e ensinava a ler ao filho. Nunca ia à igreja, e isto, depois de muito considerado, serviu para que a declarassem francesa. Não ir a *parte alguma* é coisa grave.

Em suma, era gente que nada inculcava.

É provável que fosse francesa. Os vulcões arrojam pedras, as revoluções homens. Espalham-se famílias a grandes distâncias, deslocam-se os destinos, separam-se os grupos dispersos às migalhas; cai gente das nuvens, uns na Alemanha, outros na Inglaterra, outros na América. Pasmam os naturais dos países. Donde vêm estes desconhecidos? Foi aquele Vesúvio, que fumega além, que os expeliu de si. Dão-se nomes a esses aerólitos, a esses indivíduos expulsos e perdidos, a esses eliminados da sorte: chamam-nos emigrados, refugiados, aventureiros. Se ficam, toleram-nos: alegram-se quando eles vão embora. Algumas vezes são entes absolutamente inofensivos, estranhos, as mulheres ao menos, aos acontecimentos que os proscreveram, não tendo rancores nem cólera, projéteis contra a vontade, espantadíssimos de o serem. Enraízam-se como podem. Não fazem mal a ninguém e não compreendem o que lhes acontece. Vi um dia uma pobre moita de ervas atirada aos ares pela explosão de uma mina. A Revolução Francesa, mais do que nenhuma explosão, fez desses jatos longínquos.

A mulher, que em Guernesey era conhecida por Gilliatt, foi talvez aquela moita de erva.

Envelheceu a mulher. Cresceu o menino. Viviam ambos sós; todos fugiam deles, mas eles bastavam-se a si próprios. Loba e filhote lambem-se mutuamente. Foi esta uma das fórmulas que lhes aplicou a benevolência da vizinhança.

O menino tornou-se adolescente, o adolescente homem, e então, devendo cair sempre as velhas crostas da vida, a mãe veio a falecer. Constava a herança das terras de Sergentée e da Roque-Crespel, da casa mal-assombrada, e mais, diz o inventário oficial, de 100 guinéus de ouro, dentro de um pé de meia. A casa estava mobiliada com duas arcas de carvalho, duas camas, seis cadeiras, uma mesa e os utensílios necessários. Havia em cima de uma tábua uns poucos de livros e, a um canto, uma canastra, que nada tinha de misteriosa, e que devia ser aberta na ocasião do inventário. A canastra era de couro ruivo, cheia de arabescos de pregos de cobre e estrelas de estanho, e continha um enxoval de mulher, novo e completo, de excelente linho de Dunquerque, camisa e saia, cortes de vestidos de seda e em cima de tudo um papel escrito pela finada: "Para tua mulher, quando te casares".

A morte da mãe acabrunhou o filho. Era rústico, tornou-se feroz. Completou-se-lhe o deserto. Era isolamento, tornou-se vácuo. Quando há duas criaturas, a vida é possível. Havendo uma só, parece que nem se pode arrastá-la. Renuncia-se a ela. É a primeira forma de desespero. Mais tarde compreende-se que o dever é uma série de aceites. Contempla-se a morte, contempla-se a vida, consente-se na última. Mas é um consentimento que sangra.

Gilliatt era moço, a ferida cicatrizou. Naquela idade as carnes do coração tornam a unir-se. A tristeza, dissipando-se-lhe a pouco e pouco, misturou-se à natureza em redor dele, tornou-se uma espécie de encanto, atraiu-o para perto das coisas e longe dos homens, e amalgamou cada vez mais aquela alma e a solidão.

#### **CAPÍTULO IV**

#### **IMPOPULARIDADE**

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

